



Dois Dedos de **PROSA**

Nº98 - Recife/PE - Maio/2021



UM ANO DE PANDEMIA DO COVID-19

Ações urgentes que
reforçam o compromisso
em promover a segurança
alimentar e nutricional e
fortalecer a agricultura
familiar agroecológica

Saiba mais na página 3

Gestão pública e pandemia
em Pernambuco

Página 2

Mulheres sustentam vidas
com agricultura urbana

Página 3

“Vacina é proteção coletiva,
é respeitar a vida do outro”

Página 4 e 5

Brasil, um país à deriva?

Nesta edição do Dois Dedos de Prosa, entenda como um ano depois, com 360 mil mortos, 20 milhões de pessoas com fome, um sistema de saúde em colapso e um governo negacionista nos colocou na pior gestão da pandemia entre todos os países do mundo. Isso nos tornou um risco para o mundo pelo descontrole e consequentemente surgimento de novas variantes que podem ser ainda mais perigosas. Nesta edição, o médico e professor universitário Rodrigo Cariri faz o balanço da vacinação no País.

O DDP entrevista a Dr^a Ana Maria Brito, médica e pesquisadora da Fiocruz, que faz um retrato deste primeiro ano da pandemia da Covid-19 e explica o que muda com a chegada das vacinas. Também falaremos sobre os impactos da pandemia na vida das mulheres, que foram as mais atingidas pelos efeitos da crise sanitária, assim como as juventudes rurais, que estão buscando superar este cenário através das experiências agroecológicas.

Ainda nesta edição, te convidamos a entender as ações do Estado de Pernambuco no combate à pandemia e quais os efeitos desta crise na agricultura familiar, assim como a importância da solidariedade e da construção de estratégias de combate emergencial à fome.

Boa leitura!

GESTÃO PÚBLICA E PANDEMIA EM PERNAMBUCO

Por Alexandre Pires, coordenador geral do Centro Sabiá

Vivemos no tempo histórico que será lembrado pelas gerações futuras como um genocídio do Estado brasileiro para com seu povo. O Presidente da República e agentes do seu governo, no enfrentamento à pandemia da Covid-19, levaram mais de 400 mil pessoas à morte no Brasil. Muitas dessas mortes poderiam ter sido evitadas.

Ponto fora da curva dessa história, o Comitê Científico, criado pelo Consórcio Nordeste, reuniu competentes pesquisadores e cientistas para acompanhar a pandemia, apontar e orientar medidas a serem tomadas pelos governos. Uma experiência que me salta aos olhos. Ousada e inovadora no enfrentamento a uma crise sanitária de proporções como a que vivemos, sobretudo quando comparamos à forma como foi tratada no plano federal.

No entanto, esse ponto se aproxima da curva quando os governos estaduais se deixam levar pelas pressões de setores da elite, por interesses meramente econômicos. A ausência de lockdown de longa duração, de uma campanha de informação com impacto e de políticas de proteção social eficazes e duradouras para a população mais vulnerável relativizaram o papel que os governos do Nordeste poderiam cumprir na gestão da crise sanitária e seus impactos socioeconômicos.

SEMIÁRIDO PELA VACINA



Ilustração: Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)

Em Pernambuco, as medidas de restrição e flexibilização do isolamento social em tempos muito curtos, a “vista grossa” para a lotação nos transportes públicos, a ausência de medidas de proteção social para os povos do campo e para as populações das periferias, são apenas algumas das ausências que fizeram aumentar casos, mortes e pessoas em situação de rua e de fome em Pernambuco.



comidadeverdadetransforma.org.br

Apoio: **terre des hommes schweiz** Oportunidades para Jovens

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50100.150 – Fone: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – DIRETORIA - Presidenta: Edna Maria do Nascimento Silva. Vice-presidenta: Sônia Lucia Lucena Sousa de Andrade. Secretária: Joana Santos Pereira. Conselho Fiscal: Alaide Martins dos Santos, Maria Verônica de Santana e Tone Cristiano Feliciano da Silva. COORDENAÇÃO COLEGIADA - Coordenador Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenadora Técnico-Pedagógica: Maria Cristina Aureliano de Melo. Coordenador de Mobilização Social: Carlos Magno de Medeiros Moraes. EQUIPE TÉCNICA NOS TERRITÓRIOS: Eliane Nery, Germana Vila, Gideão Patrício, Juliana Peixoto, João Carlos, Maria Edineide, Nicléia Nogueira, Orlando Santana, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida, Rosana Paula. EQUIPE ADMINISTRATIVO FINANCEIRA: Demetrius Falcão, Elivânia Leal, Iran Severino, Ivanildo Carneiro, Jullyana Lucena, Natália Porfírio, Pedro Eugênio e Vânia Luiza. NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO: Darliton Silva, João Lucas França (Estagiário) e Rosa Sampaio (DRT/PE 3510). EDIÇÃO: Mariana Reis (DRT/PE 3899). NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS: Breno Lacet e Francisco Franco. ASSESSORIAS: Aniérica Almeida (Agricultura Urbana) e Janaina Ferraz (Juventudes). O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: Misereor/KZE, Terre des Hommes Schweiz, Cáritas Alemã, BNDES, Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (ANATER). PROJETO GRÁFICO: Alberto Saulo. DIAGRAMAÇÃO: Kelen Linck. IMPRESSÃO: MXM Gráfica. TIRAGEM: 2000 (dois mil) exemplares.

UM ANO DE PANDEMIA DE COVID-19

Ações urgentes que reforçam o compromisso em promover a segurança alimentar e nutricional e fortalecer a agricultura familiar agroecológica

Por Rosa Sampaio e Darliton Silva, do Núcleo de Comunicação do Centro Sabiá



Foto: Yane Mendes/Acervo Centro Sabiá

Desde o ano passado, o Brasil está em crise sanitária e humanitária sem precedentes. Até o último dia 06 de abril, quando fechamos este texto, o número total de óbitos pela Covid-19 no Brasil somava 337 mil. Passado um ano de pandemia, estamos no meio do caos, sem políticas de contenção da transmissão, sem vacinas suficientes, sem leitos e UTIs. Mas também sem emprego, sem renda, sem perspectivas. E o pior, estamos com fome!

Dados da Rede Nacional de Pesquisa em Segurança e Soberania Alimentar e Nutricional (Rede PenSSAN) revelam que mais da metade de brasileiros/as estão passando fome. A pesquisa, lançada no começo de abril, é um estudo feito nos últimos três meses de 2020 e mostra que 19 milhões de pessoas estão passando fome e apenas 44,8% dos lares tinham seus moradores/as em situação de segurança alimentar. Isso significa que em 55,2% dos domicílios os habitantes conviviam com a insegurança alimentar, em números absolutos: 116,8 milhões de brasileiros/as não tinham acesso pleno e permanente a alimentos (você pode conferir essa pesquisa neste link: <http://olheparaafome.com.br/#action>).

Famintos, sem vacinas, com o Sistema de Saúde colapsado e sem governo que priorize vidas, contamos com ações da sociedade civil

organizada, dos movimentos populares, de alguns governos estaduais e municipais e iniciativas privadas para aliviar tanta miséria. Os esforços do Centro Sabiá na luta para pressionar as gestões e defender a importância de políticas públicas, como o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura familiar, o PAA, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar, o PNAE, se somam à exigência do auxílio emergencial digno para quem precisa, durante toda a pandemia e vacinas urgentes para todas e todos. Em paralelo, a instituição vem, junto a mandatos legislativos progressistas, construindo emendas para fortalecer o campo, a agricultura urbana e levar comida a quem precisa.

A ONG atua, em parcerias públicas e privadas, com ações de fortalecimento da agricultura familiar, por meio da compra da produção das famílias rurais e levando alimentos às pessoas que estão em situação de fome no Grande Recife. "O acesso a alimentos saudáveis é uma forma de contribuir com a melhoria da condição de vida das pessoas para o enfrentamento da Covid-19", enfatizou Alexandre Pires, coordenador geral do Centro Sabiá. Ações que fortalecem a agricultura familiar, orgânica e agroecológica, gerando renda para agricultores/as beneficiados/as, e que leva comida de qualidade a quem precisa nas grandes cidades.

De maio de 2020 a março de 2021: foram entregues 3.550 cestas com alimentos agroecológicos. Cada uma com 24kg, em média, de alimentos saudáveis e sem veneno, o que totaliza 85 toneladas de alimentos distribuídos nas ações.

Foram atendidas 138 comunidades do Grande Recife (Recife, Olinda, Paulista, Jaboatão dos Guararapes, Cabo de Santo Agostinho, São Lourenço da Mata, Igarassu e Camaragibe) e de três cidades do Agreste pernambucano (Surubim, Vertentes e Cumaru), beneficiando mais de 2 mil famílias dessas comunidades, em média, mais de 8 mil pessoas.

Números de famílias agricultoras envolvidas: 100 famílias rurais da Zona da Mata, Agreste e Sertão do Estado e do Movimento de Pequenos Agricultores de Sergipe (MPA - SE).

Alimentos: banana, banana comprida, batata doce, cará São Tomé, coco seco, macaxeira, goma para tapioca, farinha de mandioca, arroz, fubá de milho, feijão, rapadura e açúcar mascavo.

Outros produtos: 200L de Sabão Líquido; 4.200un. de sabonetes, 2.400L de água sanitária, 2.100 de pacotes de sabão em barra, 44L de Álcool 70% e 17.822un de máscaras de tecido.

“A VACINA É UMA MEDIDA DE PROTEÇÃO COLETIVA”

Para a médica epidemiologista, o foco deve ser o respeito pelo outro

Entrevista: João Lucas - estagiário do Núcleo de Comunicação do Centro Sabiá (NUC)
Edição: Rosa Sampaio - jornalista do Núcleo de Comunicação do Centro Sabiá (NUC)

João Lucas, da equipe do NUC, ouviu a médica Ana Maria de Brito sobre este um ano de pandemia. Nesta entrevista, além do balanço atual da pandemia no Brasil, ela fala da importância das medidas de cuidados e distanciamento social para conter o vírus da Covid-19, do colapso no sistema de saúde, tanto público como privado, das mutações e do surgimento de novas variantes do vírus. Explica também a necessidade de termos medidas de controle de circulação de pessoas e vacinas para todos/as.

Epidemiologista que atualmente trabalha no Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fiocruz-PE, onde integra o colegiado de docentes dos Programas de Saúde Pública, Ana Brito é doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz e pós-doutora em Epidemiologia na Universidade de Berkeley, Califórnia, EUA.

DOIS DEDOS DE PROSA: O que mudou de um ano pra cá, com a chegada da Covid-19?

Ana Brito: O que muda de um ano pra cá, é a gente poder comparar a posição de algumas lideranças governamentais mundiais em relação ao enfrentamento da pandemia, por exemplo, é muito distinto o exemplo dos Estados Unidos (EUA), que até hoje do ponto de vista de números acumulados de caso e de óbitos lideram o ranking mundial, mas em menos de dois meses para cá, estamos vendo uma mudança radical nos EUA, com queda de óbitos bem importantes, queda de internações hospitalares, com redução de casos graves da doença. O Brasil e os EUA, que são campeão e vice-campeão no número de casos e de óbitos da Covid-19, tiveram uma convergência até a eleição da sucessão de Trump (ex-presidente dos EUA Donald Trump), pelo

Biden (atual governante americano Joe Biden Jr.). Até então Brasil e EUA se caracterizaram por negar a ciência, por negligenciar um plano da pandemia e que hoje, com o novo governo, felizmente o segundo país está conseguindo se recuperar. Nós não continuamos com o mesmo negacionismo, com as mesmas dificuldades. Estamos liderando há dois meses o número de casos novos, assim como há seis semanas, infelizmente, estamos liderando também em número de mortes. O Brasil hoje é o maior necrotério da Covid do mundo, os números atuais nos mostram que estamos enterrando de um a dois brasileiros por minuto nas últimas semanas. Isso é lamentável, é um quadro extremamente dramático. Outro marco importante foi a façanha espetacular da ciência por conseguir desenvolver vacinas no período de dez meses. Em dezembro do ano passado, já tínhamos seis formulações de vacinas prontas para uso e duas começaram a ser usadas tanto no Reino Unido, como na Comunidade Europeia e na Rússia ainda no mês de dezembro. Acho que esses são os dois marcos mais importantes da questão da pandemia. Os países que trabalham com adoção das medidas não medicamentosas e investiram em medidas necessárias para conter a circulação do vírus, como o lockdown, o isolamento social, o distanciamento físico, o uso de máscaras e a manutenção apenas dos trabalhos essenciais em tempos diferentes têm tido mais sucesso no enfrentamento da pandemia. E obviamente, que um confinamento de um ano é uma situação difícil para qualquer população do mundo, mas quem fez realmente um confinamento, com restrição de circulação, conseguiu passar quatro meses sem ter essa pressão sobre o sistema de saúde. O Brasil em nenhum momento conseguiu conter a expansão da pandemia, tivemos sucessão de epidemias em regiões diferentes na primeira etapa, que não



Foto: Acervo Pessoal

chamo de primeira onda, não tivemos ondas, a gente tem um terremoto, desde o começo da pandemia. Nessa segunda fase, muito mais dramática, a gente tem assistido a um colapso do sistema de saúde, em todo o País, das capitais às cidades do interior. Essa é outra face da dramaticidade dessa pandemia, que nos coloca hoje numa situação de extremo sofrimento, de muita gravidade e de muitas perdas. Essa é uma doença que tem várias formas de contágio e manifestação, e uma das formas é não ter sintoma nenhum, e não ter sintoma nenhum não significa que não está havendo transmissão da doença, e quem não tem sintomas e não tem acesso aos testes contamina muito mais fácil e mais rápido.

DDP - Agora já temos vacinas, mas muita gente ainda tem dúvidas sobre para que servem e o que fazem. Poderia esclarecer a utilização das vacinas contra a Covid-19?

Ana Brito: As vacinas são de fato as únicas medidas efetivas para interromper a transmissão de um vírus que causa infecção aguda, foi assim em outras situações para conter a pólio (poliomielite), varíola... Então, no primeiro momento, as vacinas foram testadas para saber o quanto as pessoas que eram vacinadas vão ter redução de casos graves e do quanto teremos redução de internações, a primeira função dos imunizantes. As vacinas que estão sendo usadas hoje no mundo inteiro, todas elas foram testadas para as formas de doenças, as doze formulações de vacinas, inclusive as duas utilizadas no Brasil, as quais protegem de 50% a 72% das formas de doenças que demandam internação hospitalar ou necessidade de intubação. Em torno de 20% das pessoas que estão sendo vacinadas podem ter alguma forma de doença, mas essas formas serão sempre bem mais leves do que se elas

fossem infectadas, sem imunização, pelo vírus que está circulando. A outra função da vacina é induzir a redução da transmissão do vírus, mas essa redução de transmissão viral na comunidade só conseguiremos quando houver o que denominamos de imunidade coletiva, que é o segundo grande objetivo. Imunidade coletiva significa que, se vacinarmos um grande número de pessoas em um curto espaço de tempo, ou seja, se a gente conseguisse ter vacina para 60% a 70% da população de Recife, por exemplo, uma vacinação com uma duração de dois meses, a gente conseguiria reduzir a transmissão do vírus também na nossa comunidade. Mas essa interrupção da transmissão do vírus não se faz só com a vacina do ponto de vista individual, é por isso que a gente diz que a vacina é uma medida de proteção coletiva, embora individualmente a dê proteção importante para as formas de doenças, ela é uma medida de proteção coletiva para a interrupção da circulação do vírus. O que ainda está em estudo, é se as pessoas que foram imunizadas, ou seja, as que tomaram a segunda dose há um mês, mesmo entrando em contato com o vírus, se podem desenvolver alguma forma leve da doença e se vão infectar outras pessoas. Por isso que a adoção de medidas de barreira, que são o uso de máscaras, a higienização constante das mãos e isolamento, todas essas medidas não medicamentosas de proteção deverão continuar sendo adotadas até que a gente consiga atingir a imunidade coletiva, que consiga atingir um alto percentual de vacinação, que não deverá ser inferior a 60% das pessoas vacinadas.

DDP - Aqui em Pernambuco, passamos, entre março e abril, por algumas restrições, como o funcionamento apenas de serviços essenciais. Por que devemos respeitar esses lockdowns? Manter o isolamento social também funciona?

Ana Brito: Funciona sim, pois o vírus só circula se as pessoas circularem e no caso do Coronavírus não precisa que a pessoa infectada tussa, espirre ou “grite” para infectar o outro, no “sussurro”, se a pessoa infectada sussurrar no ouvido de outra pessoa, ele já pode ser transmitido, pela mucosa do tímpano, que ele provavelmente irá se instalar lá, silenciosamente. Este vírus é silencioso até porque a maioria que está transmitindo são dos assintomáticos. E aí quanto mais pessoas circulando, mais chances de haver contaminação. O vírus só vai existir com interação de pessoas, por isso é fundamental a restrição de circulação. Eu gostaria muito do que chamamos de lockdown se impregnasse na consciência

coletiva e que fosse um lockdown mesmo. O lockdown de verdade impõe medidas restritivas mais severas, mais impositivas. Só sair se for por absoluta necessidade, ter fiscalização e abordagem em que estiver simplesmente flanando no meio da rua, aglomerando... e geralmente aqui no Brasil, os lockdown são por períodos curtos, que não chegam nem a fazer um ciclo viral, que são onze dias. Mesmo com onze dias, se a gente tiver consciência coletiva, se a gente realmente quiser proteger a nós e aos outros, a gente para de circular. Se a gente parar, mesmo que seja por dez, onze, 14 ou 21 dias, e só sair depois disso, quando tivermos absoluta necessidade, então a gente pode reduzir a transmissão. Agora temos um problema com o lockdown, nós temos uma desigualdade social muito grande. Medida de lockdown em todos os países do mundo funciona porque existe em paralelo uma medida de proteção social junto ao conjunto das atividades econômicas e às pessoas, em especial aos autônomos, que precisam sair todos os dias para ganhar o seu pão. Todo esse conjunto da sociedade tem que estar protegido para ficar em casa, tem que ter um suporte financeiro para poder atravessar essas medidas mais rigorosas. Como eu acho que a gente não tem essa proteção social, porque a vida humana tem sido tratada de forma negligenciada pelo Governo Federal, tem havido um desprezo pela vida. Esse desprezo pela vida humana tem se caracterizado inclusive por essa falta de proteção à população e assim fica muito difícil garantir uma real restrição de circulação de pessoas

DDP- Poderia nos explicar o que são essas mutações da Covid-19?

Ana Brito: Todo vírus é mutante! É sua característica, porque na dinâmica de replicação, o vírus precisa entrar no nosso sistema, “sequestrar” nosso código genético para poder se multiplicar, diferente das bactéria, que têm autonomia reprodutiva, por exemplo. O vírus precisa do código genético do hospedeiro para existir como vírus. E assim ele se copia, ele usa enzimas que vão codificar o seu código, ele alberga o nosso DNA, e para cada cópia que ele faz, ele vai se copiar usando o nosso material genético, ele vai induzindo erros, os erros é que vão fazer as mutações. E o vírus da Covid-19, o Sars-Cov-2, ele nem é um vírus tão mutante. Vou dar um exemplo, o vírus da AIDS, que é o HIV, ele está circulando há mais de 35 anos no mundo, ele produz 20 mutações por mês, em média, o Sars-Cov-2 produz duas mutações por mês. O que acontece é que a soma dessas mutações, a soma desses erros vão gerar

novas variantes virais, as variantes são novas formas do vírus, é o vírus colocando “outra roupa” para driblar o nosso sistema imunológico. E no caso das variantes do Sars- Cov-2, elas são mais transmissíveis, como é o caso da variante da Amazônia (a P1), mais letal, como é o caso da variante da Grã Bretanha, que junto com a da África do Sul, são as variantes mais preocupantes do mundo. O problema é saber se as vacinas que foram elaboradas, desenvolvidas, se elas respondem a essas variantes.

DDP- Doutora Ana Brito, depois de tudo isso que enfrentamos no ano de 2020 e continuamos enfrentando agora em 2021, qual deve ser o nosso foco, enquanto sociedade, para atravessarmos essa pandemia?

Ana Brito: O foco tem que ser o respeito ao outro. Se você não respeita a sua vida, respeite pelo menos a vida do outro. A aglomeração não é só festa clandestina, festas ilícitas. Você pode esperar um pouco e não se aglomerar com núcleos familiares diferentes, então, nada de almoço, nada de jantares, nada de churrasco, se mantenha no seu núcleo familiar, no núcleo de sua convivência, mantenha distanciamento físico quando precisar fazer outros contatos, com o uso de máscara sempre. O uso correto de máscaras, cobrindo o nariz e boca, fechando as laterais. Se possível, use duas máscaras, ou máscara de proteção dupla de tecido fechado, higienização das mãos sempre, corretamente, usar água e sabão que é mais eficaz, se precisar sair ter sempre um reservatório de álcool em gel na bolsa, não tocar as pessoas, não abraçar, a não ser aquelas pessoas com quem você convive. Quando precisar fazer as visitas às pessoas que vocês gostam, mantenha as medidas de proteção, de máscaras, em ambientes ventilados, com ventilação natural, você pode encontrar uma pessoa na varanda, no jardim, em um terraço aberto, podem conversar com distância de dois metros. Nós temos que nos adaptar a um tempo de pandemia, ninguém gosta de ficar confinado. O confinamento é uma situação muito dramática para todo mundo, nós todos estamos sofrendo muito, mas imagina as pessoas que precisam respirar com um respirador artificial para poder sobreviver? Isso é que é isolamento. No Brasil, o isolamento são as pessoas que estão nos leitos dos hospitais. Nós podemos fazer um distanciamento físico, nós podemos nos manter saudáveis e manter nossos entes queridos, família, vizinhos e até as pessoas que não conhecemos, também saudáveis. O nosso foco principal é lutar por vacinas já e para todos!

VACINAS, QUEM SABE UM DIA?!

Por Rodrigo Cariri, médico de Família e Comunidade - USF Sítio Wanderley, Várzea e professor de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)



Desde o início da vacinação no Brasil, dia 17 de janeiro, que venho sentindo falta de alguma previsão sobre quando teremos nossas vidas de volta. Algo como a média móvel de casos e óbitos, mas prospectiva, estimando quando teríamos uma cobertura vacinal suficiente para retomarmos o pleno convívio social. Entendo que é uma equação difícil de ser montada, uma vez que nunca foi testada. Quantos por cento da população total vaciando serão necessários para que seja retomada? Nunca vivemos nada parecido, portanto qualquer parâmetro goza de muita incerteza.

Apenas para ocupar os dias e as horas que me restam em casa, comecei a fazer uma regra de três, uma proporção simples entre os dias que estamos vacinando, a contar da primeira vacinada em 17 de janeiro e o percentual vacinado até o momento. Projetando para 100% temos uma data estimada. Claro que o ritmo de vacinação pode acelerar, claro que pode surgir uma nova cepa imune a imunização. Tudo é muito imprevisível. Mas apenas para provocar o governo a apresentar sua meta, e para preparar o espírito para os carnavais não pulados, eis os dados de março. Tomamos as quartas-feiras como o dia de referência na semana, por ser o dia

BALANÇO DA VACINAÇÃO NO BRASIL

Quarta feira	Dias Vacinando	% vacinado	Estimativa 100%
03/03/21	46	3,47	19/07/24
10/03/21	53	4,91	01/01/24
17/03/21	60	5,06	16/04/24
24/03/21	67	6,32	13/12/23

com o número mais alto de casos e óbitos na série histórica.

A estimativa calculada é apenas da primeira dose. A estimativa de duas doses é uma informação muito dura para ser divulgada assim, sem suporte psicológico, por isso resolvemos omitir. Também pode-se esperar que antes de termos 100% da população vacinada já tenhamos voltado ao normal, haja vista o nível de restrição que temos adotado nos momentos de pico da pandemia.

Esperamos muito que o ritmo de vacinação seja ampliado, minimamente à capacidade que o SUS tem de vacinar diariamente sem nenhum esforço adicional. Mas durante o

mês de março de 2021 as estimativas de vacinação de toda a população se mantiveram estáveis, com a data prevista variando entre 13/12/23 e 19/07/24. Na melhor das hipóteses são mais dois carnavais e duas festas juninas. Milhões de desempregados, e com certeza, mais de 500 mil mortos.

Há no país uma tentativa de formação ou imposição de consenso, um pacto nacional pela vacinação. Um discurso de olhar para frente, deixar os erros para trás e seguir em frente. O problema são os erros para a frente, os que já estão definidos pela história e que jamais serão esquecidos. Não há saída que não passe pelo enfrentamento ao fascismo. Não há saída senão o impeachment! #forabolsonaro.

MULHERES SUSTENTANDO A VIDA NA PANDEMIA

Por Aniérica Almeida, assessora para Agricultura Urbana do Centro Sabiá
Por Andrea Butto, professora da UFRPE e integrante da Marcha Mundial das Mulheres



Fotos: Aniérica Almeida

Há pouco mais de um ano, fomos pegos de surpresa pela pandemia do novo Coronavírus que impactou drasticamente nossas vidas. O medo da contaminação, o isolamento social, novas formas de trabalho e convivência familiar criaram novas formas de (sobre)vidas pessoais e coletivas.

A pandemia escancarou desigualdades sociais sobretudo para as populações que vivem nas periferias das cidades. O desemprego e a fome só aumentam a cada dia, bem como as restrições de acesso aos serviços públicos e o abastecimento de água e energia, que se ampliaram pelo descaso do governo Bolsonaro com os direitos básicos da população e a clara investida em promover políticas de ajuste que penalizam a população mais pobre, de forma desigual.

A partir de uma ideologia que naturaliza o trabalho doméstico e de cuidados, o sistema capitalista patriarcal e racista desvaloriza e torna invisível a contribuição das mulheres para sustentar a vida humana e a economia.

A classe social, as relações de gênero, bem como as relações étnico-raciais, definem distintas vivências da pandemia. A vida das mulheres e em especial das negras e periféricas foi a mais impactada, como mostra a pesquisa *Sem Parar*, realizada pela Revista *Gênero e Número* e pela *Sempre Viva Organização Feminista*¹ em 2020.

Na Região Metropolitana do Recife², o *Projeto Práticas de Resistência e Alternativas Feministas para a Segurança Alimentar* realizado pelo Dep. de Ciências Sociais da UFRPE em parceria com a Campanha Mãos Solidárias, Marcha Mundial da Mulheres, *Sempre Viva Organização Feminista* (SOF) e o Centro Sabiá discutiu essa temática junto às mulheres periféricas das comunidades de Palha de Arroz e Coque (Recife) e Ocupação XV de Novembro (Paulista). Ações de formação, capacitação, pesquisa e de intercâmbios virtuais permitiram refletir sobre essa realidade.

Na oficina de elaboração do relógio do dia e da noite para o registro das atividades diárias das mulheres, foi revelado que, se

antes as mulheres já enfrentavam restrições para realizar o trabalho de cuidados, com a pandemia, o apoio disponível foi reduzido drasticamente, gerando sobrecarga. Dona Josenilda, moradora do Coque, que está tendo que dar conta das atividades escolares remotas dos filhos, afirma: “eu tenho 2 filhos gêmeos que estudam em escola municipal e têm aula pelo whatsapp. Todo dia é a seguinte rotina: de manhã fazer as tarefas de casa e da escola com eles, dou uma pausa para fazer o almoço, depois vou servir para as crianças e para o meu esposo, que é hipertenso. O trabalho de casa é muito maior do que o de quem trabalha na rua. É o dia todo, até a hora de dormir!”. Uma realidade que revela que na pandemia as mulheres intensificaram o trabalho doméstico e de cuidados na família, o que se soma ao aumento da violência contra a mulher e o adoecimento mental. A boa notícia é que as alternativas coletivas para garantir a segurança alimentar, a geração de renda, o compartilhamento do trabalho na família e as lutas para garantir a responsabilidade do Estado estão em curso e se fortalecem a partir do feminismo.

1. http://mulheresnapanemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf
2. Região Metropolitana do Recife.





DOE E TRANSFORME

Juventude^{em}
PROSA



Foto: Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CJMA)

DIFICULDADES E BEM-AVENTURANÇAS VIVENCIADAS PELAS JUVENTUDES RURAIS NO CONTEXTO PANDÊMICO

Por Daniela Brás, jovem multiplicadora da Agroecologia, camponesa e graduanda em Ciências Biológicas pela UFRPE.

Devido ao atual contexto em que vivemos, muitas são as dificuldades enfrentadas pelas juventudes, principalmente se tratando da juventude rural. Muitos desafios são enfrentados, pois a pandemia trouxe consigo algumas problemáticas além da doença em si.

O Jovem Laércio Rodrigues, camponês e pós-graduando em Gestão Ambiental, fala um pouco sobre essas dificuldades: "A pandemia veio num momento delicado, trazendo muita instabilidade e insegurança para as pessoas. A incerteza de uma renda causou muito desconforto na população, tendo em vista a paralisação dos comércios, das escolas e demais serviços não essenciais. O 'novo' modelo de ensino remoto prejudicou principalmente as classes mais pobres e os estudantes de comunidades rurais sem acesso à internet. Porém, além dos desafios

que já enfrentamos normalmente, devemos criar meios para superar as problemáticas vindas com a pandemia do Coronavírus. É necessário que a gente crie estratégias para termos renda sem abandonar as comunidades rurais".

Mas esse contexto não trouxe apenas dificuldades a serem enfrentadas, e é o que mostra o jovem Gildo José, camponês e técnico em Agroecologia: "No ano de 2020, conseguimos produzir bem e comercializar alimentos do nosso sistema agroalimentar, no modelo de delivery. As pessoas estavam confinadas, ainda sem saber como seria essa pandemia, muitos procurando se alimentar bem, assim nossas vendas mais que dobraram, surgiram novos clientes e as vendas superaram as expectativas. Ou seja, neste contexto de pandemia, conseguimos melhorar muito nossa produção. O outro

lado foi a paralisação das feiras e eventos regionais que acontecem ao longo do ano na nossa cidade e cidades vizinhas, pois tínhamos espaços garantidos e estávamos buscando mais, além da feira agroecológica aqui de Jataúba, que queremos tirar do papel, mas por causa da pandemia, está bem complicado, e o sonho vai sendo adiado", explica o jovem.

Com isso, podemos perceber que existe uma luz no fim do túnel: a pandemia acabou aproximando muita gente do campo, trazendo meios de geração de renda que têm feito a diferença na vida dos/as jovens. Claro que há muitas dificuldades a serem enfrentadas, especialmente as ligadas à educação no campo e do campo, mas não podemos esmorecer e por isso seguimos firmes na luta, com a certeza de que sem Juventudes não há Agroecologia!



O jornal Dois Dedos de Prosa também está disponível para leitura na versão mobile. Baixe agora em nosso site: www.centrosabia.org.br

Nossas redes sociais:



/centrosabia



/centrosabia



/centrosabia



flickr.com/centrosabia



/centrosabia